

A FORJA Torres Novas	
O NOSSO JORNAL Lagos	
RIBATEJO ILUSTRADO Santarém	-O. MAR. 1979

0245/79

Desenv. Regional - descentralização

Universidade do Ribatejo

# Uma Universidade Interdepartamental

201

pelo DR. CÂNDIDO BEIRANTE

Portugal é considerado além-Pirenéus como um país de analfabetos indignos do estatuto de europeus. Há séculos que nos meios intelectuais somos tidos como os «Cafres da Europa». A culpa não é certamente do povo que descobriu novos mundos e cujas capacidades de trabalho e de empreendimento são unanimemente reconhecidas em todos os países onde há emigrantes portugueses. A culpa só pode ser, portanto, da mediocridade das classes dirigentes que ao longo dos séculos se apossaram das rédeas do poder em Portugal. Dirigentes escolhidos por compadrio, em eleições ou fora delas, intelectuais oportunistas e míopes, traíndo a cada passo as suas origens modestas e abdicando das promessas feitas e das responsabilidades assumidas.

O mal é velho de séculos, porque a incompetência é de sempre e nada mais atrevido do que a ignorância e a falta de escrúpulos. Que a ignorância é antiquíssima, basta lembrar que no século XVI — na altura em que éramos a nação mais poderosa do mundo —, o obscurantismo dos chefes era tal que em vez de criarem universidades instituíram a inquisição e a censura. Nessa altura, Portugal possuía uma única Universidade, situação essa que se manteve praticamente até 1911. Pois bem, enquanto a estupidez grassava entre nós há 500 anos, já a vizinha Espanha possuía 12 Universidades, a França tinha 18 Universidades, em Itália havia 16 e na Alemanha 12. Contra tais

factos os argumentos da nossa pequenez não chegam para justificar a nossa exiguidade mental.

A velha demagogia tem-se aproveitado do analfabetismo das populações para fazer crer ao povo que temos doutores e engenheiros a mais. Isto foi afirmado por governantes de antes e de depois do 25 de Abril. No entanto, as estatísticas falam outra linguagem mais dura e mais verdadeira: somos o último país da Europa e um dos últimos do mundo, quanto ao número de alunos universitários e de diplomados nos vários cursos e especialidades, relativamente à população.

Há uma mentalidade residual viscosa que escorre e impregna a actuação dos dirigentes, em contradição com as palavras. Assim, Salazar afirmou que o que mais importava era haver um bom ensino primário e para tal conseguir, por ironia, mandou fechar as Escolas do Magistério e criou abortos pedagógico-científicos chamados regentes escolares — «originalidade» só portuguesa.

Marcelo Caetano verbeou publicamente que havia doutores a mais neste país e autorizou o início da degradação universitária com as facilidades decretadas desde 1969-1970. Dos últimos cinco anos nem vale a pena falar, porque tem valido tudo, menos a dignificação do trabalho dos professores e alunos das diferentes Escolas Superiores que quase só «passam canudos».

Dada a degradação em que caíram algumas das Universidades tradicionais ou napoleónicas é de crer

que o modelo anglo-americano de Institutos de Ensino Superior Curto deva ser experimentado para se sair do impasse. Estas Escolas Superiores que ministram cursos de curta duração são modelos a seguir por serem escolas funcionais que unem o ensino, a investigação científica e a prestação de serviços à comunidade humana onde se situam. Estes institutos universitários não são «ghettos» como tantas escolas superiores e médias por esse Portugal fora, e, por outro lado, a sua produtividade é evidente e pode medir-se, por exemplo, pelo grande número de prémios Nobel que têm sido atribuídos nos últimos anos aos seus professores e alunos.

Pois bem, uma Universidade interdepartamental deste tipo é o que preconizamos para ser instalada em Santarém e Tomar para beneficiar toda a região. As Escolas Superiores de Santarém e de Tomar, unindo vários departamentos no todo da Universidade do Ribatejo, devem primar pela entrega dada a complementaridade útil e conveniente entre as Ciências Humanas, as Agro-Pecuárias e a Tecnologia Aplicada. Se umas disciplinas humanizam mais, outras promovem o progresso técnico, mas sem umas e sem outras a formação superior fica truncada ou incompleta. Além desta coesão interna, os cursos devem estar voltados para o exterior, promovendo cursos de alfabetização, de extensão rural e de divulgação de conhecimentos que en-

cont. da pág. 6  
riqueçam humanamente e economicamente as populações ribatejanas.

A Universidade funcional moderna tem como um dos primeiros objectivos a cooperação no desenvolvimento material da sociedade em que se insere e é um dos agentes mais poderosos na transformação da mentalidade individual e colectiva. A Universidade Inter-departamental que pedimos para o Ribatejo deve preparar os futuros diplomados para a vida, daí ministrar cursos de saída assegurada no mercado de trabalho. Uma tal Universidade beneficiando da experiência da descentralização universitária dos últimos anos não cairá nos vícios e defeitos de que enfermam certas Escolas Superiores muito afastadas dos grandes centros urbanos, particularmente de Lisboa. É pos-

sível) assim conjugar a tranquilidade de cidades pequenas (Santarém e Tomar) com as potencialidades únicas que convergem em Lisboa. Uma Universidade do Ribatejo com estas condições reunidas não será uma «universidade do mato», mas estará ao serviço da cultura e do progresso da região ribatejana e praticando um ensino de qualidade que desenvolva efectivamente as maiores riquezas de qualquer região: a inteligência e a capacidade de trabalho humano. C. B.

cont. na pág. 11